

AUGUSTO DE LACERDA

Mártires do Ideal

PEÇA EM 4 ACTOS

Representada pela primeira vez no Teatro Nacional Almeida Garrett

em 3 de Maio de 1915



DEPOSITÁRIOS
FERREIRA & FRANCO, L.^{DA}
LIVRARIA PORTUGUÊSA

154, RUA DA MADALENA, 156
LISBOA

AUGUSTO DE LACERDA

unf. 1746



Mártires

do Ideal

PEÇA EM 4 ACTOS

Representada pela primeira vez no Teatro Nacional Almeida Garrett

em 3 de Maio de 1915



DEPOSITÁRIOS
FERREIRA & FRANCO, L.^{DA}
LIVRARIA PORTUGUESA

154, RUA DA MADALENA, 156
LISBOA

MÁRTIRES DO IDEAL

Peça em 4 actos

PERSONAGENS

Dr. Fausto Gil, biólogo	<i>Sr. Henrique d'Albuquerque</i>
Eva, sua sobrinha	<i>D. Palmira Tôrres</i>
Jorge, engenheiro	<i>Sr. Luiz Pinto</i>
João Morano, romancista	<i>Sr. Carlos Santos</i>
D. Alexandre, proprietário, pae de Jorge	<i>Sr. Inácio Peixôlo</i>
Constança, sua mulher	<i>D. Lucinda do Carmo</i>
Cecília, sobrinha de D. Alexandre	<i>D. Albertina d'Oliveira</i>
Ernesto, ajudante de laboratório	<i>Sr. Carlos de Lacerda</i>
Emília, creada	<i>D. Isabel Berardi</i>
Um creado	<i>N. N.</i>

ACTUALIDADE

PRIMEIRO ACTO

O gabinete do doutor Fausto. Quatro parêdes : a da E. ; a do F. ; outra que, formando com esta um ângulo obtuso, segue até ao plano da linha média daquela ; e outra que vem dali até à linha do proscénio.

Porta à E. A. comunicando para o interior da casa ; abaixo d'esta porta, pequeno armário esguio, de páo santo, com uma jarra para flores ; a seguir, ampla cadeira d'espaldar ; na frente dela, secretária com algumas rumas de livros, um copo d'água, uma caixa de charutos, cinzeiro com fosforeira, e botão electrico ; em frente da secretária, poltrona de coiro.

À D., primeiro plano, junto da parêde, sofá tambem de coiro ; poltrona na parte superior ; em frente do sofá, pequena mēsa quadrada, com revistas scientificas francēsas, inglēsas e alemãs ; junto da mēsa, duas cadeiras ; outra no plano superior do sofá e apegada à parêde.

Na parêde do segundo plano direita, porta larga, aberta, comunicando para a casa d'entrada, em cuja parêde do fundo se vê um bengaleiro e cabides, e, entreaberta, a porta que dá para o jardim. Da casa d'entrada descem-se dois degráus, tanto para o jardim, como para o gabinete.

Ao F., extensa porta envidraçada e aberta, deixando vêr o laboratório, no centro do qual há uma mēsa alta, de mármore, com varios aparēlhos d'análise, tubos d'ensaio, outros com culturas, etc. Junto desta mēsa, dois bancos altos. As portadas são praticaveis e os vidros fôscos. Assenta o laboratório no mesmo plano da casa d'entrada, havendo portanto dois longos degráus dali para o gabinete ; tem as parêdes a tinta d'óleo branca, e duas vastas janelas com «stores» semi-corridos, pelos quaes se vê o jardim. Ao nivel dos peitoris, prateleiras de mármore com microscópios. Entre as duas janelas, pequena estufa para culturas. Chão de ladrilho branco e preto. O laboratório tem uma porta para a E.

Ao fundo do gabinetê, no ângulo da E., colunata de páo santo com o busto do naturalista francês Lamarck; no ângulo da D., sobre colunata igual, o busto do fisiologista inglês Huxley, ambos de bronze e com os nomes na base.

Por cima da cadeira da secretária, o retrato de Pasteur, em moldura severa.

Mobiliário estilo inglês, simples, elegante e prático. Parêdes forradas de papel verde-cinzento liso; ombreiras das portas de castanho; alto «lambri» da mesma madeira. Chão de madeira em mosaico encerado. Tapete escuro em frente do sofá. Tecto de castanho, baixo, e donde pende candieiro electrico. E' dia.

Fausto está á secretária. Na sua frente, três discípulos, sentados um pouco em diagonal, nas cadeiras que teriam ido buscar junto da mēsa e do sofá. No laboratório, sentado perto da mēsa, Ernesto, de camisa de linho.

Ao levantar o pano,

Fausto expõe a sua lição, atentamente escutado pelas outras quatro figuras:—... pois, como sabeis, a histologia é a única parte da anatomia que fornece à biologia elementos seguros e resultados apreciáveis. Mas, voltando ao protoplasma e ao estado coloidal:—acho inútil recordar-vos a descoberta de Dujardin, que a sciencia torna mais precisa, fazendo valer a análise sobre a intuição. (*Jorge e João aparecem na casa de entrada, vindos do jardim, e colocam os chapéus nos cabides.*) Sabeis que é pouco mais ou menos entre 0 e 60 gráus que se manifestam todas as actividades vitais propriamente ditas. Isto porém não significa que as substâncias vivas morram fora destes limites. (*Jorge e João desceram ao gabinetê, cumprimentam o Doutor, que lhes corresponde com um ligeiro acêno; vão sentar-se discretamente á D.*) Ora é este facto que nos leva a distinguir duas propriedades: a de estar a caminho de viver e a de ser susceptível de viver. Portanto, de todo o exposto na nossa lição, concluimos:—*primo*, que a superfície terrestre está hoje em limites de temperatura aos quaes a vida, tal qual é, se adaptou com precisão: não existia quando a temperatura não permitia o estado líquido da água; não se manterá, logo que a temperatura seja muito baixa; *secundo* e consequentemente,—a vida não é mais do que um fenómeno aquático, um incidente de superfície na história da evolução térmica do glôbo, da qual surgiu o coloidal protoplasma, isto é a substância químico-física posta a caminho de viver. (*Bebe uma gota d'agua, acende um charuto, riscando o fósforo no cinzeiro-fosforeira, e com um acêno:*) Até depois d'amanhã, meus senhores.

(*Os discípulos erguem-se, cumprimentam, colocam as cadeiras nos seus logares e saem para o jardim, levando da casa d'entrada os seus chapéus. Ernesto vai trabalhar ao microscópio.*)

Fausto, entretanto, sem se levantar:—Bem-vindo seja, meu caro Jorge. Desertou hoje da minha lição, an?

Jorge que se erguera, assim como João:—Falta involuntária, doutor.

Fausto, apertando-lhe a mão:—Seu pae? sua mãe? sua prima?

Jorge—Excelentemente.—O culpado foi este velho amigo, que me apareceu quando menos o esperaria. Acabei por trazê-lo até cá para ter a honra de apresentar-lho.

Fausto, estendendo logo a mão:—Com pleno prazer!

Jorge, apresentando:—João Morano.

Fausto—Veio então até à minha lura para vêr... a «grosse bête», como o inglês de Voltaire. Confesse!

João—O nome de V. Ex.^a é tão conhecido e respeitado, que eu não poderia perder o ensejo...

Fausto, interrompendo logo, mascando o charuto:—Obrigado, obrigado...—Sou muito positivo, sabe? Desculpe a rudêsa, mas não simpatizo com os cumprimentos ceremoniosos... Não creio na boa-fé com que dizem respeitar o meu nome. Se fosse pobre e necessitasse de exercer a clínica, não faltaria quem me chamasse inepto. Restrito ao professorado livre, que exerço por gosto...—manias!—... e vivendo qual crisálida misteriosa, no meu laboratório, respeitam-me o nome porque não me compreendem. E o amigo sabe por certo não haver coisa que mais assombre a estupidês das multidões do que o incompreensível.—A propósito, no que emprega a sua actividade?

Jorge—O meu amigo é o romancista de quem naturalmente já ouviu falar...

Fausto rebuscando na memória:—José Morano...

Jorge—João, João Morano...

Fausto deferente:—Ah! pois não.

Jorge—O autor do célebre romance «Galatée».

Fausto—Autor da Galatée?... Pigmaleão, nesse caso! (*tentando erguer-se:*) Ó Jorge, ajude-me, por favor, para não chamar... (*Depois de auxiliado por Jorge, avança, com o braço esquerdo pendente e arrastando a perna esquerda*). Olhe que isto não é para ver se entra em moda. Hábito que me foi imposto por uma parva congestão. Mas temporariamente. Dentro de um mês ou dois, conto mover-me à vontade, creia. Isto é... talvez, como costumava dizer o Renan, quando queria livrar-se de apêrtos.

João—Tão robusto e sadio...

Fausto — A Naturêza tem perfidias. Mau é vir a primeira... (*Mascondo o charuto* :) Que a morte... pouco se me dá; simples incidente na evolução da matéria. O grande interesse está no ponto de interrogação da vida!

João — No que tem empregado o melhor de tão laborioso talento. Os seus livros...

Fausto duvidoso : — Conhece os?

João — Como todo o intelectual que se preza.

Fausto por entre dentes : — Os intellectuaes... é possível. — Pois, com franqueza, não conheço os seus... (*por deferencia* :) ... senão de nome. Sem melindre, an! Não tenho tempo para ler romances, e não consinto à minha sobrinha que os leia. Teatros... também não frequentamos. Questão de princípios. Nasci positivista, e assim tenho educado a pequena, o que não é fácil conseguir numa creança. As taras hereditárias são o diabo! Ela deve estar por aí a aparecer; a minha companhia, e agora a minha enfermeira. Quero apresentar-lha, para ficar sabendo o que é uma rapariga educada a primor em ambiente científico.

Jorge — E eu apresentar-te-ei os resultados dos meus estudos, pois, como já te disse, o doutor pôz à minha disposição alguns dos seus aparêlhos.

Fausto vagamente zombeteiro : — ... para a grande descoberta! — «Galatêa» então o seu romance. Bom título! (*Pondo a mão no hombro de João* :) Ah! rapazes! quem não tem a sua Galatêa? o ideal que pacientemente construímos, que se torna em breve a nossa paixão dominante, a «anima» de todos os nossos actos? Olhe: aqui estamos nós, três construtores de ideal! Criámo-lo com amor, erguêmo-lo às nuvens na visão hiperbólica do nosso delírio optimista, e julgando-nos superiores a êle, não passámos de seus miseráveis escravos. Vossê, José Morano... — É dêsses a que chamam naturalistas, não?

João — Certamente.

Fausto — ...vossê, em busca da verdade, procurando decompôr, através do prisma da observação, a vida social, os caracteres e temperamentos, a comédia e a tragédia humanas. — Este, ao reconhecer inútil o curso d'engenheiro, por serem inexequíveis os seus projectos de palácios e monumentos... babilónicos, fantasiou a existencia de um corpo mais precioso... — que sei eu! — ... do que as minas de Salomão! e ei lo queimando os dedos nas reacções, e as pestanas nos jogos malabares das fórmulas químicas. Tão seguro de realisar a descoberta, que já enviou um trabalho preparatório às academias estrangeiras! Tão rutilante o seu ideal, que já lhe chama... — Que nome pôz vossê ao hipotético pechisbeque?

Jorge sorrindo : — «Fulgentiniam».

Fausto — Ouviu? Só lhe falta o registo civil para ser um cidadão como nós!

João após curta pausa : — E o seu, illustre mestre?...

Fausto — O meu quê?

João — A sua Galatêa?

Fausto — Ah! tem um nome muito feio e muito comprido: «a síntese do protoplasma vivo». Não é para seduzir, concorde.

João — O misterioso homúnculo dos alquimistas!

Fausto sorrindo, por deferencia : — Como «blague» não é má. (*Curta pausa. Reflexivo* :) — A origem da vida. O maior de todos os problemas! (*Entusiasmado-se pouco a pouco* :) — Alongarmos a vista pela naturêza, nas suas variadas formas e inumeráveis cambiantes, e podermos afirmar que tudo proveio da mesma unidade, que tudo se transforma pelas múltiplas evoluções da célula-mãe! Arrancarmos à Naturêza, um a um, os segredos do seu lento e secularíssimo trabalho!

(*Eva, entra pela D., vinda do jardim, com um braçado de flôres e uma brochura. Veste de branco, e, sobre o vestido, longo avental de linho com bolsos e hombreiras. Ao vêr Jorge e João, cumprimenta-os, sem ser vista pelo tio e encaminha-se para o armário, tira de sobre este a jarra, coloca-a na secretária, e dispõe as flôres, ao mesmo tempo que prende ao seu olhar quentemente amoroso o olhar de Jorge*).

Fausto tem continuado, subindo de entusiasmo : — Caminharmos, firmes e crentes, através das revoluções geológicas, tendo apenas na mão o fio condutor do transformismo, e podermos assistir à primeira aparição da Vida na superfície da terra! Obtermos, emfim, a inegalável aspiração de apresentar ao mundo o misterioso princípio gerador, e, trinfntemente, os élos nunca interrompidos da matéria viva e da matéria bruta!

João suggestionado naquele entusiasmo : — A eterna atracção na naturêza! que leva o pólen à flôr, o beijo à mulher!...

Fausto — ... e os estreitos amplexos às células universaes! (*Notando então a presenca de Eva, e relacionando-a à frase de João* :) Hum!... Ou vossê não fosse romancista! — Vem cá, Eva.

Eva acabando de dispôr as flôres : — Sim, meu tio.

Fausto — Apresento-te um amigo do nosso amigo. O sr....

João atalhando : — João Morano. (*Aperta-lhe a mão*).

Eva — Muito prazer. Tanto mais que o seu amigo falou-me por vezes... Regressou da província, do solar de seus paes, onde tem estado desde há muito, não é assim?

João — Exacto.

Eva — Já vê que o conhecia perfeitamente, de nome: — a «Galatêa»...

Fausto, franzindo o sobrolho : — O quê?! Também a conheces?

Eva — O sr. Jorge contou-me o enredo. (*Aper-
ta a mão de Jorge*).

Fausto — An?!

Eva — ... vagamente, apenas.

Fausto — E já não seria pouco.

Jorge — Se lêr o romance do Morano, estou certo de que mudará de sentir. A heroína salva-se pela crença.

Fausto — Em quê?

João — Em Deus.

Fausto — E tem-te sido muito preciso esse género de crença?

Eva descuidosa : — Parece-me que não.

João ao doutor : — Mas, se me permite, a crença é ainda, na mulher, uma garantia...

Fausto mascando o charuto : — ... da sua ignorância.

Eva rápida, como a cortar o assunto, e consultando o seu relógio de pulso : — E' a hora do seu passeio, e daqui a pouco a do seu caldo. Quere que o acompanhemos?

Fausto — Chama a Emília. (*Eva comprime o botão electrico da secretária e repõe no armário a jarra com as flores, enquanto o Doutor junto de João*) — O homem é um animal d'hábitos; e eu sou animalíssimo, principalmente desde que me arrasto. O passeio limita-se a uma volta pelo jardim para dar trabalho à perna. Como quem diz: a fera doente exposta ao ar livre pela mão do tratador. A Eva e o Jorge mostrar-lhe-ão o laboratório. (*Emília vem da E.*) O Jorge não trabalha hoje?

Jorge — Sim, doutor; um pouco.

Ernesto que não saíra da laboratório : — Tenho que proceder ainda á arrumação de uns frascos que vieram...

Fausto — Entenda-se com a minha sobrinha. (*Emília fê-lo passar o braço esquerdo pelo dela*). Até já, meus senhores. (*Já na casa d'entrada*). Olhe, sr. Morano, a biblioteca é aqui. (*Indica uma porta próxima*). Não creio em que o interêsse muito: tudo ciência.

João — Visita-la-ei; obrigado.

(*O Doutor põe o chapéu de feltro preto que tirou do cabide, e sae para o jardim pelo braço de Emília. Jorge subiu ao laboratório, onde conversa com Ernesto, que lhe mostra umas culturas recentes*).

João, q e com Eva acompanhara o Doutor até aos degraus da casa d'entrada : — Ao que ouvi, não lhe é permitida a leitura.

Eva — Pelo contrário: leio muitíssimo. Nem a outra coí a dedico as minhas horas livres. Á leitura e um pouco às flores.

João olhando para as que Eva dispuzera na

jarda do armário : — Ah! sim. O bastante para lhes transmitir formosura.

Eva rindo : — Que idéa! Dir-se-ia uma exemplificação da fôrça catalítica.

João — Da quê, minha senhora?

Eva — Não sabe química?

João — Soube, e muito mal.

Eva — Pois tem encantos. Peça ao seu amigo que lhe ensine. E' um mestre!

João — O que lê então, se não sou indiscreto? Trazia um livro. (*Lendo o título do que ela poisára na secretária*) : «Théorie scientifique de la sensibilité». — Acha isto interessante?

Eva — Como tudo que ignoramos.

João — Quere dizer que a seduz o mistério.

Eva — Infinitamente!

Jorge descendo do laboratório : — Começamos pela biblioteca?

Ernesto que descera também, com um pequeno embrulho na mão : — Seria conveniente arrumar estes frascos...

Eva — Vamos tratar disso. (*A Jorge*) : — Acompanhe o seu amigo, sim? O tio é tão metódico... São apenas uns instantes.

Jorge — O sr. Ernesto, por favor, não se retirará já. Para nos mostrar as culturas e algumas placas.

Ernesto — Da melhor vontade. (*Conversa com João, ambos olhando para o laboratório*).

Eva que não deixara de procurar o olhar de Jorge, consegue talar-lhe em voz baixa : — E não haverá maneira de estarmos a sós, um instante que seja?

Jorge — Farei o possível. Tanto mais que tenho que dizer-te.

Eva — Volta depressa!

Jorge — Por aqui, João, por aqui. (*Encaminha-o para a casa d'entrada*).

João muito amigo, em voz baixa, passando-lhe o braço pela cintura : — Felicito-te, meu velho! E' encantadora, apesar do seu positivismo... ou talvez por elle mesmo. (*Saem para a biblioteca*).

Momentos de silêncio. Ernesto desembulha o pacote. Eva tira de dentro da gaveta superior da esquerda da secretária uma chave, e com ela abre o armário, onde em prateleiras se vêem alinhados vários pequenos frascos com seus rótulos. Tira de lá um livrinho, e senta-se á secretária.

Eva pegando na pena : — Vem então a ser?

Ernesto depois de lêr a fórmula do primetro frasco : — Curarina.

Eva depois d'escrever : — E' isto, não é?

Ernesto — Sim, minha senhora. — Brucina.

Eva depois de curta reflexão, escrevendo : — C²³ H²⁶ Az² O⁴, se não me engano.

Ernesto — Exactamente.

Eva — Alcaloide extraído da noz-vômica.

Ernesto sorrindo : — Isso. Admiro a sua memória!

Eva com o olhar prêso à porta por onde Jorge saiu : — Não sabe que a memória é um facto biológico, e que uma boa memória resulta do conjunto de associações dinâmicas muito estaveis e prontas a serem despertadas? Não é pois para admirar que num organismo são...

Ernesto sorrindo : — Sim, sim; «mens sana»... (Lendo o rótulo doutro frasco:) Cloridrato de adrenalina. (Vendo o que Eva escreveu:) Perfeitamente. — E por último, Amanitina, (Porque Eva ficou indecisa:) Ou Muscarina, como quizer.

Eva — Ah! sim, Miceto-muscarina.

Ernesto — Também.

Eva escrevendo : — $C^5 H^{15} AzO^3$, não?

Ernesto — Exacto.

Eva — Um mimo de droga, an? Alcaloide dos cogumelos venenosos.

Ernesto — Análogo ao tóxico violento que Brieger descobriu...

Eva erguendo : — Bem sei; no bacalhau pôdre. Que lhe preste! (Numa gargalhada, vendo reaparecer João e Jorge:) Já?! Bem dizia o meu tio que o interesse não seria muito!

João — Esperava talvez que eu deitasse abaixo a biblioteca, em consultas?

Eva — E porque não? O romance deve ser a Vida, creio; e para reproduzi-la, torna-se preciso conhecê-la.

João — E vossa excelencia conhece-a?

Eva depois de reflectir, súbitamente grave : — Quere acreditar que nunca tinha feito essa pergunta a mim mesma?

João — E então?...

Eva reflexiva : — Que sei eu!... Há tantas teorias, tanta filosofia!...

João — Kant?

Eva — Hum!...

João — Schopenhauer?

Eva tediosa : — Oh!...

João — Nesse caso, Hartmann.

Eva rindo : — Parece que está consultando um «menu»: há para todos os paladares! — Ó sr. Jorge, queira fazer-me a fineza de auxiliar-me na conclusão deste pequeno trabalho? O sr. Ernesto mostraria o laboratório, se o sr. Morano permitisse...

João — Mas que dúvida!

Eva passando à secretária : — E' que se o tio volta, não vendo tudo nos seus logares, diz-me algum remoque...

João baixo a Jorge, que viera de junto de Ernesto : — Percebo: sou de mais.

Jorge — ... e pouco perspicaz porque já devias tê-lo percebido.

João juntando-se a Ernesto à porta do laboratório : — Vejamos então o templo dos infinitamente pequenos!

Eva — O sr. Ernesto começa pelo gabinete dos fornos, sim? — O seu amigo tem lá alguns trabalhos de muito valor.

Ernesto — Deste lado, por aqui. (Saem João e Ernesto pela porta da E. do laboratório, a qual range ligeiramente nos gonzos).

Eva que os seguiu com o olhar de soslaio, corre de súbito a Jorge, e abraçando-o : — Meu Jorge! (Beija o sofregamente).

Jorge olhando em volta : — Então, Eva! Se nos vêem...

Eva sem se desprender : — Há quatro dias que não tinha esta ventura! Se soubesses a anciedade com que esperava pudermos estar hoje a sós! As flôres foram um pretexto para vêr-te mais depressa... e para oferecer-te uma. (Vae busca-la à jarra). Hás de beijá-la quando estiveres sósinho. Prometes?

Jorge enlevado : — Promêto.

Eva com muita garridice, pondo-lha na bocheira : — É como se fosse eu... (Impaciente:) Vamos! beija-me! Não sejas pateta! Ninguém vê. (Abandonando-se-lhe nos braços:) É tão bom! tão bom! (Com os olhos semi-cerrados:) Tinhas que dizer-me? O quê?

Jorge — Mas... podem surpreender-nos...

Eva com o seu espirito calculista : — O tio costuma dar uma volta ao jardim... Neste momento vae a meio. O teu amigo delicia-se com as explicações do Ernesto, e, antes que apareçam, a porta do laboratório há de ranger. Temos tempo. (Achegando-se mais a êle:) — Estamos a sós, muito a sós... — Dize lá, meu amor.

Jorge — Sabe então que vae ser hoje o grande dia: meu pae e minha mãe decidiram-se a vir pedir a tua mão.

Eva abraçando-o num impeto : — A minha vida! a minha alma! Pedi-las?... se já te pertencem há tanto tempo! — E porque tardam êles?

Jorge consultando o relógio : — Não sabes como são cumpridores da boa praxe?

Eva vagamente reflexiva : — Ah! sim... a boa praxe... (desprendendo-se rápida:) Se aparecessem de repente!... (Cae em funda melancolia).

Jorge — Que tens?

Eva — Uma nuvem negra, que vae passando.

Jorge beijando-a : — Passou de todo?

Eva graciosa : — Ainda não.

Jorge beijando-a mais demoradamente : — E agora?

Eva — Se o meu tio recusar? Que será de nós? ou, pelo menos, de mim?

Jorge — Recusar? Porquê?

Eva — Não sei; em boa verdade, não sei. A es-